

UMA HERMENÊUTICA ECLESIAL DE Mt 20, 1-16

Ecclesiastical hermeneutics of Mt 20, 1-16

Antonio Francisco Jacaúna Neto*

RESUMO

O presente artigo faz uma rápida explanação sobre o contexto em que surgiu o evangelho de Mateus e se atém a uma possível leitura eclesial da conhecida “parábola dos contratados para a vinha”. O texto tem a pretensão de situar a atualidade desta perícopie fazendo uma hermenêutica desses 16 versículos sob a ótica da vocação e da missão. Está dividido em duas partes: na primeira aborda o contexto em que este evangelho surgiu e os conceitos-chave desta perícopie e, na segunda, enfatiza as implicações eclesiais da parábola. Nas considerações finais, há uma reflexão sobre a atualidade da parábola em questão.

Palavras-chave: Reinado dos Céus. Vinha. Empregador. Chamado e Envio. Ser Igreja hoje.

ABSTRACT

The present article gives a quick explanation regarding the context in which the Gospel according to St. Matthew and timely a possible reading ecclesiastical of the known “parable of the workers in the vineyard”. The text has the pretense of situating the current relevance of this passage by performing a hermeneutic of these 16 verses through the prism of vocation and mission. The work is divided into two parts, the first one that addresses the context in which this gospel arose and the key concepts of this passage and the second part emphasizes the ecclesiastical implications of the parabol. In the final considerations there is a reflection about the modern implications of this passage.

Keywords: Reign of Heaven. Vineyard. Employer. Calling and Sending. Being Church today.

* Mestre em Teologia Bíblica pelo CES-ISI, 2003, atual FAJE. Professor de Bíblia na Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Brasília. E-mail: <antoniojacauna@gmail.com>.

Teocomunicação	Porto Alegre	v. 44	n. 3	p. 311-324	set.-dez. 2014
----------------	--------------	-------	------	------------	----------------



Tomando como ponto de partida a afirmação de Bento XVI de que a missão da Igreja Católica deriva da Palavra de Deus (*Verbum Domini*, p. 92-93), sentimo-nos motivados a escrever um artigo baseado em um texto bíblico, com o objetivo de refletir sobre a atuação dessa Igreja no mundo de hoje.

Para delimitar um texto bíblico, escolhemos o evangelista do ano litúrgico católico. Este é dividido em “A, B, C”. Para as liturgias dominicais de cada ano, foram escolhidas leituras de um dos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas). Estamos no ano litúrgico “A”, cujas leituras dominicais são do evangelho de Mateus. Por isso, vamos fazer uma rápida explanação desse Evangelho, dedicando mais atenção a uma de suas parábolas que, como ainda hoje, deve ter causado inquietação aos primeiros ouvintes. Refiro-me à hermenêutica de Mt 20, 1-16. Situarei esta parábola dando um rápido panorama sobre o autor e sua obra, para, em seguida, me deter em alguns aspectos deste texto, evidenciando a gratuidade nele proposta contra a teologia da retribuição, levando em consideração o próprio texto.

Os estudiosos estão de acordo ao dizerem que o evangelho de Mateus possui uma lógica própria, por ter sido estruturado de modo peculiar. Por exemplo, coloca as parábolas no final do ministério de Jesus na Galileia. É possível também que, por ser judeu e escrever para pessoas que conheciam o judaísmo, tenha recorrido à tradição comum, tanto da Escritura, quanto do estilo rabínico de contar parábolas. Neste evangelho encontram-se sete parábolas. Para o judeu, sete é um número simbólico relacionado à perfeição e à criação. O significado que elas vão tendo durante a pregação de Jesus está em consonância com a literatura inter-testamentária, trazendo os mesmos significados dados pelos rabinos, a saber: *halakah* e *haggadah* (STEFANI, 1993).

Para transmitir “seu evangelho”, Mateus usa uma linguagem que formula a fé cristã a partir do Jesus terreno e, por isso, dilata seu quadro biográfico, se compararmos este quadro ao que aparece em Lucas, no capítulo 2 (ZUMSTEIN, 1990). Podemos dizer que tal fato traduz uma razão teológica. Mateus usa dados históricos, e até se permite mudá-los, com o intuito de transmitir uma teologia, qual seja, a apresentação de Jesus como cumpridor do Primeiro Testamento, que tem Moisés como personagem principal. No capítulo 5, Jesus, ao instruir os seus com as Bem-Aventuranças proferidas no monte, é comparado a Moisés, que também instruiu o povo de Deus a partir da montanha, dando as tábuas da Lei. O mesmo se diga da transfiguração, no capítulo 17. Uma das fórmulas usadas por Jesus consiste em contar parábolas, tal como ocorre

no capítulo 6 do profeta Isaías. O texto de *Mt 20, 1-16* é uma parábola só encontrada neste evangelista, o que a torna mais preciosa. Ela também pode deixar (ou já deixou) muita gente desconcertada. Nela o autor coloca como personagens o Senhor da Vinha, vários trabalhadores e o administrador dela. Para melhor entender a mensagem desta parábola, vamos nos ater a alguns conceitos tais como: Reinado de Deus, Vinha, Chamado e Salário Justo. Levando em conta que a Palavra de Deus precisa ser compreendida conforme o contexto em que ela foi gestada, relembremos o contexto em que a parábola surgiu, evidenciando a ideia de gratuidade nela implícita contra a de retribuição e recompensa cada vez mais vigentes no mundo atual.

Contexto e conceitos

A época do Evangelho de Mateus

Este evangelho foi escrito no período em que Roma estava impondo seu domínio sobre os povos e provocando perseguições aos judeus, através do imperador Nero, a partir de 68 d.C. Com a destruição do Templo de Jerusalém (70 d.C.), os judeus se dispersaram e o grupo dos fariseus se fortaleceu dentro do judaísmo, através de suas leis cada vez mais rígidas. Quem não vivia as normas por eles estabelecidas não era considerado como membro do povo chamado por Deus. O grupo dos seguidores de Jesus sofria, portanto, dois tipos de perseguições: uma externa, por parte dos romanos, e outra interna, por parte dos fariseus.

Nesse período, muitos camponeses perderam tudo. Mateus narra em várias parábolas a evidência deste contexto (*Mt 13,14-53; 21,33-44*), inclusive, dizendo que alguns passavam o dia todo à espera de um trabalho. Muitos judeus foram obrigados a viver na diáspora, longe e dispersos de suas raízes. Isso gerou muito desemprego.

Nessa parábola (*Mt 20,1-16*), o preço oferecido pela diária de um trabalhador é de “um denário”, que não é uma oferta generosa, pois “um denário” é o que um adulto, pai de família, precisava para sobreviver “um dia” com os seus (*Tb 5,15*). Tratava-se de uma moeda feita de prata, com a imagem e inscrição do imperador romano e correspondia ao salário ordinário braçal de um dia (CARTER, 2002).

Certamente Mateus tinha este cenário presente em sua mente quando redigiu esta parábola. Por isso, não é possível entendê-la fora do contexto no qual ela nasceu e de cada uma de suas partes. Não fica claro, no primeiro instante, a quem a parábola foi dirigida. Pelo contexto

(Mt 19), supõe-se que seja aos fariseus, que defendiam a teologia da retribuição. Por essa teologia, entendia-se que Deus retribuía ao ser humano, conforme este vivia. Toda ação boa merecia uma recompensa, e, quando algo ruim acontecia, era Deus retribuindo uma má ação do ser humano. Essa parábola é uma das melhores explicitações de Jesus sobre a ideia de recompensa, que era muito forte em todo o judaísmo e, por extensão, nos adversários de Jesus (ver também Lc 17, 7-10).

Reinado dos Céus

Um dos públicos do evangelho de Mateus era formado por conhecedores das Escrituras. Por isso, ele coloca Jesus constantemente como o seu cumpridor. Por causa destes, o evangelista prefere usar uma expressão que lhe é própria, “dos Céus”, evitando assim, o tetragrama hebraico e obedecendo à indicativa de que o leitor de sua obra não iria pronunciar o nome Deus. A maioria das traduções bíblicas traduz esta parábola como “Reino dos Céus”.

A Bíblia do Peregrino traduz esse vocábulo por “Reinado dos Céus”, o que parece ser a melhor tradução, uma vez que “Reino dos Céus” pode nos remeter mais a um local/lugar, onde uma pessoa se faz soberana, “Reinado dos Céus” faz menção ao estado em si, algo ligado a um colegiado que vai além de um espaço geográfico. É um regime e, neste caso, ele é de “domínio dos Céus”. E, este é o caso deste texto mateano, pois se parece mais com a política trabalhista praticada pelo senhor da vinha. (Outros pesquisadores também adotam esta tradução, como Frank Matera, Notkler Fuglister, Heinrich Shlier, Joachim Gnilk). Parafraseando o Concílio Vaticano II, pode-se dizer que este Reinado dos Céus se dá com a participação de todos, não só do Senhor, mas também de todos os operários e do administrador, pois “Cristo proclamou o seu reinado e ele o faz hoje através da hierarquia e também através dos leigos” (*Lumen Gentium*, 35).

Este Concílio elucidou essa plural participação na construção do reinado de Deus. Todos são coparticipantes desta missão, cada um com seu dom (*1Cor* 12). Na medida em que cada pessoa assume uma missão nessa vinha, o reinado de Deus vai se tornando mais visível (*Lumen Gentium*, 30-32), uma vez que ele é mais comunitário.

Vinha

A vinha em si era protegida contra a destruição pelos animais, por um muro ou uma cerca, e, para aumentar a proteção, muitos donos da

plantação mandavam construir uma torre de guarda (*Pr* 24,30). Com um investimento inicial significativo, a vinha logo passava a ser lucrativa, oferecendo frutos além da subsistência básica, ou seja, gerando lucro. Ela constituía um dos grandes meios de produção na Palestina e região, pois o vinho era produto de consumo interno e de comércio externo também.

Em outras metáforas, a vinha é um dos modos de se dizer de todo o Povo de Israel (*Sl* 80, 9s; *Is* 3, 14-15; 27,2s; *Jr*, 2,21s; 12,10; *Ez* 17,6; *Os* 10,1 e *Jo* 15). Jesus é a videira e os seus seguidores são os ramos, entendendo a união desses em Jesus. Posteriormente, vai-se aplicar a imagem da vinha à Igreja (*Lumen Gentium*, 60).

Antes dessa parábola, o próprio autor já havia chamado a elite religiosa da época de vinha que será arrancada, por não viver conforme a vontade daquele que a plantou (*Mt* 15,12-13). Então, na parábola mateana, Jesus podia ter presente o convite feito a todos para que trabalhem na vinha do Pai: o Reinado dos Céus.

O Bom Empregador

“O reino dos Céus é como o proprietário que saiu de madrugada para contratar trabalhadores para a sua vinha. Combinou com os trabalhadores a diária e os mandou para a vinha” (*Mt* 20, 1-2). No capítulo 19, Jesus está no território da Judeia, tendo diante de si os seus discípulos e um grupo de fariseus. Devido à provocação dos fariseus, Jesus fala quais são as condições para segui-lo (acolher o seu convite/chamado e deixar tudo o que fazia até então, para tornar-se um dos seus seguidores e, posteriormente, um dos seus trabalhadores) e o que receberão por isso. O versículo 1, do capítulo 20, faz a ligação do capítulo anterior, mostrando a esse público como se pode comprar o reinado de Deus e, por conseguinte, como proceder para fazer parte dele.

O texto começa dizendo algo que não é muito comum. Ele não age de modo surpreendente, não tendo como base a relação hierárquica (conforme exemplos dos chefes do cap. 19 deste evangelho). É o próprio dono da vinha quem sai para contratar operários, e ele começa cedo. Esta é uma tarefa normalmente atribuída ao administrador. Todavia, aqui é o dono quem faz e isso por várias vezes ao dia. Pelo fato de ninguém se queixar durante as várias contratações, pode-se dizer que o senhor é um bom estrategista, e está fazendo tudo de acordo com a lei e os costumes dos trabalhadores de então.

O(s) Contrato(s)

“Em plena manhã, saiu de novo, viu outros que estavam na praça, desocupados, e lhes disse: ‘Ide também vós para a minha vinha! Eu pagarei o que for justo’. E eles foram. Ao meio-dia e em plena tarde, ele saiu novamente e fez a mesma coisa. Saindo outra vez pelo fim da tarde, encontrou outros que estavam na praça e lhes disse: ‘Por que estais aí o dia interio desocupados?’ Eles responderam: ‘Porque ninguém nos contratou’. E ele lhes disse: ‘Ide vós também para a minha vinha” (Mt 20, 3-7).

A necessidade de vários operários durante um mesmo dia indica que este homem é muito rico. Ele próprio toma as decisões diárias na condução de sua grande vinha. Seu envolvimento no início da parábola prepara o confronto posterior. Ele combina um denário como salário, somente com os trabalhadores da primeira hora, justamente os que vão murmurar e reclamar depois (versículo 11). Com os trabalhadores contratados durante o dia, Mateus diz que o senhor da vinha prometeu dar-lhes o que fosse justo (versículo 4). E aos contratados na última hora, curiosamente, o senhor da vinha não faz menção a nenhum pagamento. Apenas os manda ao local do trabalho.

O que eles vão fazer na vinha? Plantar? Cuidar da cerca? Fazer a torre? Colher? Parece que isso é irrelevante. Todos aceitam o trabalho. Os trabalhadores aceitam ir, sem saber o que irão fazer. Eles todos foram contratados em uma praça de mercado. Trata-se de uma concentração disponível para tarefas mínimas do dia a dia, sejam elas agrícolas ou urbanas. Durante os plantios e as colheitas, este tipo de trabalho era facilmente disponível, mas isso não era comum nos intervalos de um dia, e sim no começo dele. A parábola enfatiza que a maioria dos trabalhadores não foi contratada no início da jornada. E os últimos contratados, apenas uma hora antes dessa jornada terminar, algo não muito comum de ser feito.

O que é “salário justo”

“Ao anoitecer, o dono da vinha disse ao administrador: ‘Chama os trabalhadores e faz o pagamento, começando pelos últimos até os primeiros!’ Vieram os que tinham sido contratados no final da tarde, cada qual recebendo a diária. Em seguida, vieram os que foram contratados primeiro, pensando que iam receber mais. Porém, cada um deles também recebem apenas a diária. Ao receberem o pagamento, começaram a

murmurar contra o proprietário: ‘Estes últimos trabalharam uma hora só, e tu os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor ardente’ (*Mt 20*, 8-12).

A jornada de trabalho devia ser paga ao final de cada dia (*Lv 19,13*, *Dt 24,15* e *Jó 7,2*), e é nesta hora que surge o problema. Aos primeiros trabalhadores, o pagamento pareceu justo pela manhã (versículo 2) e à tarde já não lhes parece mais, por tratar-se da mesma quantia dada aos demais. Acontece que este senhor acha justo dar a todos o mesmo salário. O problema não é cumprir o contrato com os primeiros (versículo 13), mas o que o senhor entende por preço justo.

A parábola não é uma apologia ao direito absoluto do senhor fazer o que quiser com os seus bens (versículo 14b), mas sim, uma questão básica de justiça. O centro da parábola é a questão do salário justo. Interessante ressaltar que o foco principal dessa parábola não está na vinha ou no senhor, mas no acerto do dia de trabalho. Na comparação com o reinado de Deus, a parábola mostra que a justiça de Deus está acima da formalidade da justiça humana. Ele não se limita a cumprir a justiça legal, pelo contrário, “superou a lei da estrita correspondência entre trabalho realizado e retribuição, regulando-se segundo a bondade do seu coração, tomando como norma de ação não o critério econômico, mas o amor gratuito que qualifica o seu ser profundo” (BARBALHO, 1990, p. 305).

Para os trabalhadores da primeira hora, justo seria dar um pagamento diferenciado a quem trabalhou mais, independente do que havia sido combinado antes. Todavia, este não é o significado de justiça para o senhor. A justiça do senhor não se baseia na produção em si, mas nas necessidades dos trabalhadores. Esta parece ser de que todos os trabalhadores precisam pagar o mesmo preço pelos produtos de sua subsistência diária. Além disso, todo trabalhador tem o direito de poder viver do seu trabalho (*Mt 10,10*). Outro dado relevante é que os que trabalham menos não só recebem o mesmo que os demais, como recebem o seu salário antes dos demais. Mateus mostra que ser justo é fazer o que é bom para todos, a começar pelo lado menos garantido.

Talvez essa não fosse a postura do senhor com aqueles que não trabalham por preguiça. Os que estavam na praça sem trabalhar, e ao serem questionados sobre o porquê de estarem ali às 17h, disserem: “– Acordamos tarde, o dia já está terminando, trabalharemos amanhã na sua vinha”. Mas não, os trabalhadores encontrados na praça ao final do dia não tinham ido trabalhar porque ninguém os contratara (v. 7). O

senhor parece entender que a questão está no sistema trabalhista que não emprega todos os necessitados e, portanto, o peso não pode cair sobre o ombro dos pais de família que buscam trabalho e não conseguem.

Mateus enfoca que a gratuidade não é algo secundário, supérfluo no reinado de Deus, mas essencial! É sinônimo da bondade de Deus para com cada um que se coloca ao dispor para trabalhar na sua vinha, no seu reinado (versículo 15b). A justiça é a própria bondade de Deus. Na relação entre as pessoas, a justiça não é apenas um conceito a mais e sim uma prática exigente. E não há nada mais exigente que ser gratuito!

A Murmuração

“Então, ele respondeu a um deles: ‘Companheiro, não estou sendo injusto contigo. Não combinamos a diária? Toma o que é teu e vai! Eu quero dar a este último o mesmo que dei a ti. Acaso não tenho o direito de fazer o que quero com aquilo que me pertence? Ou estás com inveja porque estou sendo bom? Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos” (*Mt 20,13-16*).

Ainda no centro da parábola, o senhor verbaliza a razão de sua bondade e pergunta se os trabalhadores da primeira hora têm “olho ruim, porque ele é bom, se a bondade dele está incomodando-os” (cf *Mt 20,16a*). Trata-se de um olhar que petrifica a realidade, não dando lugar ao olhar da gratuidade. O ato de murmurar é algo que se faz presente em outros momentos. Por exemplo: na libertação das mãos do Faraó do Egito, em que, na primeira dificuldade no deserto, o povo reclama a Moisés (*Ex 14, 11s; 17,3*); no período dos profetas, quando o povo acha que Deus é injusto ao agir de acordo com a sua postura, reclamando aos profetas por sofrerem as consequências de suas próprias ações (*Ez 18,25s; Jn 4,1-2*); como também nas parábolas que apontam pessoas que já estão no caminho do Senhor e reclamam por não se sentirem tratados como acham que deveriam (*Lc 15, 29-30*). É nesse sentido que a parábola mateana mostra a necessidade de se abandonar a murmuração, como condição para estar no reinado dos Céus, o qual condiz com sua bondade.

É compreensível que os primeiros possam murmurar, uma vez que eles representam a lógica dos fariseus, da teoria da retribuição; mas para estar no reinado de Deus, é preciso mudar esta lógica. Inverte-se a retribuição pela gratuidade. Os que se julgavam bem situados, talvez vejam com maus olhos o atual bem-estar dos que trabalharam pouco, dos que estavam na praça até mais tarde.

A parábola é um alerta também aos seguidores de Jesus, sugerindo uma nova prática de vida. Os discípulos e discípulas foram os primeiros seguidores, e podem assumir a mesma postura dos primeiros trabalhadores da parábola mateana. Estes seguidores passaram pela tentação de discriminar judeu-cristão e gentio-cristão, circuncidados e pagãos, etc.

Uma leitura eclesial/vocacional

Chamado e envio

O convite do reinado de Deus acontece desde a madrugada (versículo1) até o entardecer (versículo 6), ou seja, durante o dia todo. É o próprio senhor (Deus) quem toma a iniciativa de ir ao encontro dos seus. É bom frisar que toda a Sagrada Escritura coloca o Senhor como quem toma a iniciativa de chamar os seus, desde Gênesis ao Apocalipse (Bento XVI, *Verbum Domini*, 22). Ele vai ao local em que as pessoas estão e as convoca a uma missão. E, na parábola estudada neste artigo, ninguém recusa seu chamamento, seja devido ao desemprego da época, seja devido ao modo como são chamados. O senhor possui o jeito certo de chamar cada um. A parábola enfatiza as duas dimensões do “reinado de Deus”: chamado e envio constantes (CARTER, 2002). Aceitar esse chamamento de Deus é receber a Graça, seu dom maior. Essa atitude ativa de agraciado possibilita o surgimento de algumas lideranças nessa vinha.

Embora cada um tenha seu tempo de responder, e responde sem saber o que irá fazer exatamente, a parábola mostra que o importante é aceitar o trabalho na vinha. Somente ao estar nela é que se fica sabendo o que se irá fazer. Ou seja, a partir do momento em que a pessoa responde ao chamamento, ele vai para a vinha e, portanto, passa a fazer parte dela. O modo de mostrar que faz parte dela é assumindo um trabalho. Então, uma vez fazendo parte, passam a ter os mesmos direitos. Não importa qual o trabalho desenvolvido ou por quanto tempo a pessoa trabalhou: o salário é o mesmo para todos!

O intercâmbio entre o senhor e os que estão na praça, ao final do dia (versículos 6-7) é interessante. Começa mostrando a preocupação do senhor que vê o pessoal e vai logo perguntando como um insulto: “Por que estais aqui parados como preguiçosos” (o autor usa o verbo *argoi*, cuja melhor tradução seria preguiçosos (VAAGE, Leife.1977). Parece que a parábola retrata a visão predominante dos que veem a pobreza

como uma questão ligada à preguiça. A esta indagação, os trabalhadores respondem: “Porque ninguém nos contratou”. O modo pelo qual lhe é dada a resposta, faz com que o senhor os envie imediatamente para sua vinha. E eles vão, com uma única certeza: trabalhar; pois não lhes fora dada nenhuma garantia do que iriam receber por apenas uma hora de trabalho.

A parábola ensina que o reinado de Deus não se estrutura sobre leis de haver e dever. Ele é estruturado sobre o dom de Deus e sua graça, que precedem sempre e é para todos. Todavia, necessita da adesão dos que são chamados. Ensina que “o ser justo” precisa exceder ao critério de justiça dos fariseus, que é baseada na lei da retribuição (*Mt 5,20*). Para o senhor, o proprietário da vinha, o critério de salário justo está em ver as necessidade dos seus trabalhadores e usar da bondade e da gratuidade para que cada um tenha o seu sustento.

O chamamento

Para entrar neste reinado basta querer trabalhar nele. O convite é feito constantemente. É o próprio senhor quem vai atrás de todos os operários. Isso nos mostra que o seu reinado é lugar aberto para todos os que acolhem o seu convite de coração. Ele não fica questionando o que a pessoa sabe ou não fazer, apenas manda cada um para a vinha. Não se entra na vinha (Reinado/Igreja), para exercer apenas uma determinada função pré-qualificada, e sim para trabalhar nela, naquilo que for necessário, de acordo com a condição de cada um. E isso se descobre estando nela! O mais importante no início, então, é abraçar o primeiro chamado.

Pesquisadores bíblicos nos mostram que o significado central da parábola é eclesiológico, mostrando que a Igreja é esta nova realidade da vinha. É a Igreja dos seguidores que partilham sua missão e estão destinados a serem operários da vinha, do reinado iniciado com a obra de Jesus. São servidores que seguem Jesus numa comunidade de irmãos que se colocam à disposição para a missão (BARBALHIO, 1990).

Sabemos que o “Reinado de Deus” está presente na Igreja Católica, e não somente nela. Ela constitui, já aqui na terra, germe desse reinado. Reinado onde se faz presente a diversidade de ministérios organizados e constituídos na Igreja (*Lumen Gentium*, 5-8). A partir dessa parábola, é possível dizer que Jesus afirma ser a Igreja/vinha, algo necessário no seu reinado, uma vez que essas realidades passam a ser sinônimas: Vinha/Reinado/Comunidade. Uma Igreja composta por pessoas que

vão à vinha e nela descobrem o que fazer. E não simplesmente pessoas que pertencem a uma instituição chamada Igreja Católica. O Reinado é mais abrangente que a Igreja Católica. O chamamento posto na parábola aqui analisada é para ser parte da Vinha/Igreja, o que vai além do que simplesmente ir a uma igreja/vinha.

Parece-me que esta parábola está ensinando, a não dizer primeiro ao que está fora das atividades eclesiais, que trabalho deveria fazer na Igreja, antes mesmo dele ser Igreja. Primeiro é preciso que a pessoa esteja na Igreja, para, fazendo parte dela, descobrir que tipo de atividade pode exercer. E se há pessoas que ainda não estão nesta vinha, talvez seja porque ainda não foram chamadas no local em que estão. Se assim for, elas não são culpadas. Em outras palavras: se há pessoas que ainda não descobriram seu chamamento, sua vocação, talvez seja porque os que já estão na vinha, não foram até onde elas estão para chamá-las. Isso aumenta a responsabilidade de quem está à frente da vinha, aquele(s) que representa(m) o senhor da vinha. Estes são impulsionados a irem ao encontro das pessoas, convidando-as no local e na hora em que se encontram para fazerem a experiência de estar na vinha.

Embora hoje seja comum ouvir casos de pessoas que estavam fora da Igreja e foram convidadas para entrar e assumir um determinado ministério, a parábola mostra que o primeiro chamado não é para ser ministro ou ministra disso ou daquilo, mas sim, para ser Igreja. Todos são chamados a ser, e uma vez sendo Igreja, são corresponsáveis pela mesma. Desde o início, o Concílio Vaticano II nos alerta para esta verdade quando afirmou que Deus convocou e constituiu a Igreja no mundo para que nela todos pudessem atuar (*Lumen Gentium*, 8,9 e 13). A comunidade-Igreja de Mateus é rica em ministérios e carismas, pois nela há lugar para todos (versículo 7).

Os autores do Primeiro Testamento anunciavam ardorosamente o grande dia em que Deus haveria de manifestar sua glória. Os profetas predisseram o tempo em que esta glória se daria. Este profundo senso de antecipação e de desejo de verem todos sobre o domínio dos Céus continuava vigorosamente no tempo de Jesus. Por exemplo: João Batista pregou que este reinado estava chegando (*Mt 3,2*) e José de Arimateia esperava o reinado de Deus (*Mc 15,43*). A parábola tenta explicitar esta realidade do reinado de Deus presente no cotidiano.

Para se fazer presente, essa realidade exige uma mudança de mentalidade. Jesus mostra que, para sua efetivação, se faz necessário que as pessoas sejam chamadas constantemente e se comprometam pelo

trabalho e não pela retribuição. Este compromisso não combina com o compromisso competitivo que a sociedade moderna (ou pós-moderna, como dizem alguns), ensina. O neoliberalismo prega a competição afirmando que o salário tem a ver com a produção. Não dá para misturar um pouquinho do evangelho com um pouquinho dessa cultura. Afinal, “ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6,24). Em um mundo onde a competição provoca desigualdades, a parábola diz que, no reinado de Deus, deve-se privilegiar os que o mundo coloca em desvantagem, pois para o reinado de Deus, “os últimos serão os primeiros” (Mt 20,16).

Considerações finais

Todo chamamento implica uma missão. Esta parábola através da expressão “ide para” lembra a missão implícita em toda vocação, seja “os da primeira ou da última hora”, seja através da vocação à vida ou vocação especial de consagração. O senhor está chamando e enviando a todos, só dependendo da resposta pessoal para fazerem parte da vinha e receberem o justo salário.

Sabendo que somente ao Magistério Eclesial compete dar autenticidade ao texto sagrado (*Dei Verbum*, 10, ratificado por Bento XVI in *Verbum Domini*, 33), é bom lembrar que a própria Igreja canonizou a obra de Mateus, incluindo esta parábola com todo o ensinamento que ela comporta! Partindo desse pré-suposto, e levando em consideração que os discípulos de Jesus e os fariseus foram os primeiros ouvintes desta parábola (Mt 19 e 20), e eles faziam parte da liderança religiosa da época, o foco de Jesus era dar um ensinamento àquela liderança. Se a Palavra de Deus é atual (Bento XVI, *Verbum Domini*), concluímos que toda a mensagem desta parábola também é dirigida à liderança religiosa da atualidade. Ou seja, todos os trabalhadores da Vinha/Igreja, recebem o mesmo salário. Independentemente do que estejam fazendo ou por quanto tempo estejam no trabalho. Isso reafirma a gratuidade do Reino e esta preocupação de Jesus está presente também em outros momentos do evangelho (Mt 19,30; 21,31; 22,14).

Concluindo, podemos afirmar que a mensagem de Jesus aplica-se também às lideranças religiosas de hoje, motivando-as a recrutar os que não estão na Igreja, chamando-os a todo instante. Este chamado acontece nos momentos existenciais (da manhã ao anoitecer da vida) e no momento cronológico (o dia todo). O que nos conforta é sabermos que no final da jornada todos receberão o mesmo salário.

Baseados neste texto mateano, podemos dizer que ser Igreja de Jesus é atualizar constantemente estes tipos de relações indo ao encontro do outro, rompendo com a teologia da retribuição e vivenciando a gratuidade. O estar na vinha tem primazia no chamado, ou seja, o chamado de qualquer pessoa é para estar na Vinha/Reino/Igreja e este se faz na hora e no momento em que encontra o outro. A missão, o apostolado, o trabalho em si, o fazer é posterior ao estar no local do trabalho. As particularidades dessa parábola são muito dizíveis para os seguidores e servidores da vinha de Jesus no mundo de hoje. Ser Igreja de Jesus é atualizar constantemente esses tipos de relações.

É perceptível hoje, tanto em comunidades católicas quanto não católicas, a escassez de homens e mulheres que se doam no serviço do Reinado dos Céus. No caso da Igreja Católica, é comum observar pessoas com várias funções, ministérios, em uma mesma comunidade. Isso provoca uma sobrecarga de afazeres. Como reverter esse quadro? Pensamos que a compreensão dessa situação pode ser iluminada pela parábola aqui analisada. Podemos dizer que, conforme o texto de Mt 20, 1-17, a liderança religiosa, os representantes da vinha/Igreja, deveriam ir até as praças onde estão as pessoas disponíveis para o trabalho. Parece que na maioria dos casos, as lideranças ficam na Vinha/Igreja, esperando que as pessoas procurem trabalho no próprio local da vinha.

A lógica vocacional de Mateus impulsiona a ir ao encontro das pessoas que ainda não estão atuando na comunidade eclesial e a chamar para que façam a experiência de estarem na vinha do Senhor. E, uma vez estando na comunidade, descobrirem seus dons, talentos, carismas e exercerem um ministério em prol da vinha como um todo. Esse chamamento se dá não simplesmente nas praças em que essas pessoas estão, mas também se dá a todo instante (da manhã à tarde). A parábola parece estar dizendo que é sempre hora de ir ao encontro das pessoas, sabendo que, no final, todas receberão o mesmo salário!

Referências

- ANGELIS, Sandra de. *O jovem vocacionado*. In: *Rev. Paróquias e Casas Religiosas*, ano 5, n. 25, p. 30-32, jul.-ago. 2010.
- BARBALHO, Giuseppe. *Os Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 1990. Vol 1.
- BENTO XVI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal: Verbum Domini*. Brasília: CNBB, 2010.

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: Comentário sóciopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 2. ed. 2002.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática: Dei Verbum*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática: Lumen Gentium*. São Paulo: Paulus, 1997.

FULISTER, Notkler e SHLIER, Heinrich. *Fundamentos de Dogmática Histórico-Salvífica: A Igreja*. Vol IV/1: *Eclesiologia Bíblica, Mysterium Salutis*, Petrópolis: Vozes, 1975.

GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. *Teologia da Vocação: temas fundamentais*. São Paulo: Loyola.1999.

MATERA, Frank. *Ética do Novo Testamento: os legados de Jesus e de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1999.

STEFANI P. *Meshalim e parabolai nelle Scritue ebraiche e nella letteratura intertestamentária e rabbinica* = *Credere Oggi*, no. 13, 1993.

VAAGE, Leifé. *Jesus economista no evangelho de Mateus*, in: *Ribla*, 27. 1977/2.

ZUMSTEIN J. *Mateus, o teólogo* = *Cadernos Bíblico* 48, São Paulo: Paulinas, 1990.

Recebido: 21/07/2014

Avaliado: 24/07/2014